

## Paper do NAEA Volume 28

# A dimensão internacional da Amazônia e os novos movimentos migratórios na região

Luis E. Aragón<sup>1</sup>



### RESUMO

A migração internacional na Amazônia vem despertando cada vez mais interesse, mesmo que ainda seja um dos assuntos menos estudados. Este paper agrega cinco assuntos novos que demandam aprofundamento: migração de retorno, emigração, remessas, venezuelanos, e Amazônia colombiana pós-conflito bélico. Conclui-se que os três primeiros são assuntos extremamente relevantes e fortemente relacionados, quando se trata da Amazônia. Tratá-los de forma aprofundada demanda não somente análise teórica, mas acesso a dados empíricos que raramente são disponíveis. Fontes alternativas complementares aos censos demográficos têm que ser procuradas e usadas. A crise política, econômica e social pela qual passa a Venezuela preocupa a comunidade internacional, em especial a América do Sul. A pergunta óbvia é como lidar com a diáspora venezuelana, e como ela afeta a Amazônia como um todo. O fim do conflito bélico na Colômbia repercutirá sim na Amazônia colombiana e na Amazônia dos demais países. Com o fim da guerrilha será que a Amazônia colombiana, caracterizada como área de expulsão reverterá à situação para atrair interessados nos novos nichos econômicos disponíveis após a pacificação? Enfim, descortina-se nestes novos tempos um leque de assuntos até recentemente considerados de pouca importância na Amazônia, mas que hoje influenciam profundamente seu destino. A migração internacional está entre eles.

**Palavras-chave:** Amazônia. Migração de retorno. Emigração. Remessas. Venezuelanos. Colômbia pós-conflito.

<sup>1</sup> E Ph.D. em geografia, professor titular da UFPA/NAEA, bolsista de produtividade do CNPq e Coordenador da Cátedra UNESCO/UFPA de Cooperação Sul-Sul para o Desenvolvimento Sustentável. Contato: aragon\_nea@ufpa.br.

**ABSTRACT**

The international migration in the Amazon has been arousing more and more interest, even though it is still one of the subjects less studied. This paper adds five new issues that demand deepening: return migration, emigration, remittances, Venezuelans, and the post-war Colombian Amazon. We conclude that three first issues are extremely relevant and strongly related when it comes to the Amazon. Dealing them in depth demands not only theoretical analysis, but access to empirical data that are rarely available. Alternative sources complementary to demographic censuses have to be sought and used. The political, economic and social crisis that Venezuela is undergoing is a matter of concern to the international community, especially South America. The obvious question is how to deal with the Venezuelan diaspora, and how it affects the Pan -Amazon as a whole. The end of the war in Colombia will have an impact on the Colombian Amazon and on the Amazon of other countries. With the end of the guerrilla, will the Colombian Amazon, characterized as an area of expulsion, revert to the situation to attract the interested in the new economic niches available after the pacification? Finally, in these new times, a range of subjects until recently considered of little importance in the Amazon emerges that today deeply influence their destiny. International migration is among them.

**Keywords:** Amazon. Return migration. Emigration. Remittances. Venezuelans. Post-conflict Colombia.

.

## INTRODUÇÃO

Nos círculos acadêmicos e políticos mundiais é frequente a discussão da dimensão internacional da Amazônia. De fato, a Amazônia, com uma superfície de mais de 7 milhões de km<sup>2</sup>, e mais de 38 milhões de habitantes (PNUMA/OTCA, 2008), que integra territórios de oito países e um departamento francês,

emerge no cenário mundial como centro das atenções, graças aos seus significativos superlativos: maior floresta tropical úmida do planeta; maior bacia hidrográfica da Terra; maior reserva de biodiversidade e banco genético do globo; uma das mais ricas províncias minerais existentes. Ou seja, um ecossistema constituído por mais de cem bilhões de toneladas de carbono e um potencial exuberante e inigualável de recursos naturais, extremamente estratégicos num contexto civilizatório em que clima, água, geração de energia, alimentos e medicamentos pautam (e pautarão, nas próximas décadas) as prioridades dos investimentos globais (MELLO, 2013, p. 19) [e essas condições] credenciam a região como o mais exuberante e promissor laboratório natural para o avanço do conhecimento científico sobre processos evolutivos que geram e mantêm a diversidade de genes, espécies e ecossistemas e o desenvolvimento de experimentos revolucionários nos campos da Química, da Bioquímica, da Microbiologia e da Engenharia Genética, com notórias possibilidades de inovação em segmentos de negócios de crescente interesse mercadológico (fármacos, fitoterápicos, cosméticos, perfumes, alimentos, nutracêuticos, agroquímicos, etc.), anunciando, em toda a sua virtualidade, uma potencial e vigorosa economia de futuro (MELLO, 2015, p. 93).

Regionalmente, a dimensão internacional refere-se ao fato dela estar dividida em nove partes, cada uma sob uma soberania diferente: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela, e o departamento ultramarino francês da Guiana Francesa. Não é surpreendente, portanto, a grande diversidade em termos biológicos, culturais e de paisagens dessa imensa região, porém, o desconhecimento da sua dimensão internacional em nível regional, tem levado à formulação de políticas conforme os interesses nacionais, sem considerar, muitas vezes, as consequências que tais políticas podem trazer para a Amazônia dos demais países (ARAGÓN, 2018).

Por outro lado, em nível global, o mundo vem dando cada vez mais atenção à região pelo seu importante papel nas mudanças climáticas e abundância de recursos naturais demandados pela economia ao redor do mundo. Na medida em que o enorme estoque de recursos naturais existente na Amazônia e o papel crucial que a região desempenha nas mudanças climáticas globais são mais bem conhecidos, aumenta a atenção mundial sobre os destinos da região.

A questão da internacionalização da Amazônia acirrou-se principalmente a partir dos anos 1980 quando o processo de globalização intensificou-se alcançando o mundo inteiro. Esse processo, segundo Amin (2015), redimensionou as forças econômicas mundiais demandando novos produtos e novas tecnologias para que as potências hegemônicas se mantivessem competitivas. E nesse novo cenário internacional a Amazônia converteu-se numa marca global. O termo Amazônia passou a simbolizar meio ambiente, ecologia, índios, populações tradicionais, floresta, oxigênio, água, biodiversidade, preservação etc., e, nesse sentido, agregar aos produtos e serviços o termo Amazônia ou alguma coisa que a ele remeta, eleva o valor econômico desses produtos e serviços (AMARAL FILHO, 2016).

Portanto, no mundo contemporâneo a dimensão internacional da Amazônia tanto em nível regional como em nível global assume cada vez mais importância nos destinos da região.

Nesse sentido, a pergunta que mais interessa neste *paper* é como a dimensão internacional afeta os padrões migratórios que fluem pela região, focando principalmente a migração internacional. Ao final a migração internacional, é um dos fenômenos mais candentes do mundo contemporâneo. A Organização Internacional para as Migrações (IOM, 2017) estima para 2015, 244 milhões de pessoas residindo fora de seu país de nascimento, o que representa aproximadamente 3% da população mundial, com forte tendência crescente; e nesse contexto, “Novos destinos estão se desenhando na medida em que fronteiras são fechadas, a xenofobia cresce, a violência e o terrorismo aumentam, os conflitos políticos se espalham, os desastres ambientais se intensificam, e países tradicionalmente de imigração invertem seus fluxos” (ARAGÓN, 2017, p. 97).

E na Amazônia, como se apresenta esse fenômeno?

A migração internacional na Amazônia vem despertando cada vez mais interesse, mesmo que ainda seja um dos assuntos menos estudados. Aos temas já abordados pela literatura<sup>2</sup>, este *paper* agrega cinco assuntos novos que demandam aprofundamento: a migração de retorno, a emigração, as remessas, os venezuelanos, e a Amazônia colombiana pós-conflito bélico.

## MIGRAÇÃO DE RETORNO

O ato de retornar ao lugar de origem (geralmente o lugar de nascimento), ou migração de retorno, segundo Sayad (2000), define a própria condição de migrante, pois ao retornar tal condição desaparece. Na Amazônia brasileira alguns estudos começam a explorar esse fenômeno (BARRA, 2015; SODRÉ, 2017; LIRA; QUIROGA, 2016). Lira e Quiroga (2016), utilizando dados do censo brasileiro de 2010 referentes às pessoas nascidas nos municípios de residência da Amazônia Legal no momento do censo que moraram por algum tempo no exterior, calcularam que 9.957 pessoas na Amazônia brasileira tinham retornando aos seus municípios de nascimento tendo como lugar de residência anterior mais de 40 países, destacando nos cinco primeiros lugares: Paraguai, Estados Unidos, Japão, Espanha e Portugal. Dos países amazônicos (incluindo Guiana Francesa), vieram 15,86% do total de retornados. Já tomando o critério de residência fixa (2005), o número de retornados se reduz a 8.118 e os cinco primeiros lugares passam a ser: Estados Unidos, Japão, Portugal, Espanha e Guiana Francesa. Nota-se, portanto, que a migração de retorno proveniente dos países amazônicos teve destaque menor em relação à proveniente dos Estados Unidos, da Europa e da Ásia (sobretudo Japão); ao passo que considerando os residentes nascidos no exterior (imigrantes), conforme diversos critérios, segundo os mesmos autores, vários países amazônicos estavam entre as 10 primeiras posições. Esses primeiros estudos permitem, portanto, lançar a hipótese, para maiores aprofundamentos, de que o retorno de brasileiros para a Amazônia brasileira pode ser afetado, principalmente, pelas crises econômicas nos países desenvolvidos, onde residia a maioria dos retornados. A tese de Fernandes (2014) revela este fenômeno entre decasséguis retornados do Japão para o Pará, na década de 2000.

---

2 Sobre a migração internacional contemporânea na Amazônia de cada país, ver entre outros as coletâneas organizadas por Aragón (2009), Silva (2012) e Aragón e Staeve (2017).

## EMIGRAÇÃO

Uns poucos estudos têm explorado os dados do censo referentes a membros de domicílios de residentes na Amazônia que no momento do levantamento moravam no exterior. Porém, vale ressaltar que esses dados devem ser tomados com cautela, pois eles dependem da capacidade dos informantes de registrar os membros de domicílio morando no exterior, e porque são excluídos aqueles emigrantes nos casos em que todos os membros do domicílio emigraram e, portanto, não deixaram ninguém para informar ao respeito. Nessas condições não é possível quantificar o total de emigrantes, e a quantidade de informações a respeito do emigrante é bastante reduzida. Contudo, esses dados fornecem pistas do processo da emigração.

Levando em consideração essas ressalvas tem-se realizado estudos preliminares na Amazônia utilizando os censos de Equador, Peru, Brasil e Bolívia.

Na Amazônia peruana (censo de 2007) (LIMACHI HUALLPA, 2009) e na Amazônia equatoriana (censo de 2001) (GALLARDO LEÓN, et. al, 2009), foram contabilizados 177,535 emigrantes da Amazônia peruana<sup>3</sup>, e 14.344 da Amazônia equatoriana, com predominância de homens nos dois casos. Os países preferidos de destino nos dois casos foram Espanha, Itália, e Estados Unidos, acompanhando o padrão nacional, mas a emigração da província amazônica de Sucumbios no Equador, que faz fronteira com a Amazônia colombiana, se dirige principalmente para este país.

No caso da Amazônia Legal brasileira foram encontradas duas referências. Na primeira, Lira e Quiroga (2016) quantificaram no censo de 2010, 59.597 emigrantes da Amazônia Legal, residindo em mais de 85 países, destacando nos cinco primeiros lugares: Espanha, Estados Unidos, Portugal, Bolívia e França, com predominância de mulheres. Do total, 26,2% dos emigrantes residiam nos países amazônicos (incluindo a Guiana Francesa), mas com predominância de homens.

O segundo estudo, realizado por Corbin e Hyden (2017) focou principalmente a emigração de brasileiros da Amazônia Legal para as três Guianas (Guiana, Suriname e Guiana Francesa), utilizando também os dados de membros de domicílio residentes na Amazônia Legal morando no exterior no momento do censo de 2010. Esse estudo identificou 56.449 emigrantes da Amazônia brasileira morando ao redor do mundo, sendo 52,6% em Europa, 27,6% nos países amazônicos, e 14,4% em América do Norte. Entre os emigrantes para os países amazônicos predominam os homens, enquanto entre todos emigrantes do Brasil predominam as mulheres.

Segundo esses dois estudos, enquanto a emigração de brasileiros para o resto do mundo (CORBIN; HYDEN, 2016, p. 42) ou da Amazônia para o mundo (LIRA; QUIROGA, 2016, p. 153-155) caracteriza-se por uma participação maior de mulheres, na emigração da Amazônia brasileira para os demais países amazônicos predominam os homens.

No caso da Amazônia boliviana o estudo se restringiu a emigração dos 14 municípios amazônicos que fazem fronteira com Brasil e Peru, utilizando o censo boliviano de 2012 (VARGAS BONILLA, 2016). O estudo conclui que 3.855 pessoas emigraram desses municípios entre 2001 e 2012, sendo 33,9% para Espanha, 28,5% para Brasil, 11,9% para Argentina, 6,6% para Chile, 3,6% para Itália, 2,9% para Peru, 2,5% para Estados Unidos, 2,3% para Japão e 7,7%

3 Dados da Organização Internacional para as Migrações e do Instituto Nacional de Estadística e Información (OIM-INEI), 58.225 pessoas emigraram da Amazônia peruana entre 1990 e 2007 (LIMACHI HUALLPA, 2009, p. 107).

para outros países. Em total é uma migração onde predominam as mulheres exceto entre os que vão para Argentina, Peru, e Japão. É importante, entretanto, esclarecer que esses dados se referem somente aos municípios que fazem fronteira com países amazônicos (13 com Brasil e 1 com Peru), e não aos 52 municípios que compõem a Amazônia boliviana (VARGAS BONILLA, 2005, p. 29), e por tanto, os resultados não se podem generalizar para a Amazônia boliviana como um todo.

Na base desses estudos, portanto, pode-se argumentar que a emigração da Amazônia no Brasil, no Peru, e no Equador a emigração para os países amazônicos é majoritariamente masculina. No caso da Amazônia boliviana, não se sabe se o caráter feminino da emigração amazônica pode generalizar-se para toda a região.

## REMESSAS

Remessas de emigrantes para seus países de origem é um importante recurso para países em desenvolvimento, sendo para alguns desses países um rubro relevante do PIB nacional. Contudo, apesar da importância que as remessas jogam hoje na economia mundial, o assunto é pouco tratado no caso da Amazônia. O tema é mencionado por Limachi Huallpa (2009) na Amazônia peruana, Gallardo León et. al (2009) na Amazônia equatoriana, e de forma mais aprofundada por Corbin sobre remessas para Guiana e das Guianas para o Brasil.

Limachi Huallpa (2009, p. 111), menciona que devido às remessas enviadas por residentes no exterior, “Los hogares amazónicos, que tienen a algún miembro residiendo en el extranjero, tienen mejores condiciones de vivienda, mejor acceso a los servicios básicos y mejor equipamiento.” E no caso da Amazônia equatoriana, Gallardo León, et. al. (2009), reportam que “analizando la relación entre remesas e emigración a nivel nacional puede identificarse el beneficio económico que puede recibir una zona por efecto positivo de la migración. La emigración de la Amazonía constituye 3,9% de la emigración del país, pero la región recibe 5,7% del total de las remesas hechas por los emigrantes” e agregam que as famílias receptoras utilizam as remessas principalmente em melhorias de suas residências e aumento do consumo doméstico.

Hiskhana Corbin tem elaborado estudos mais aprofundados sobre remessas na Amazônia, começando pela sua tese doutoral (2012). Segundo Corbin e Aragón (2015, p. 80), se por um lado, a elevada diáspora de pessoal qualificado da Guiana limita o avanço tecnológico do país, gera também vultosas remessas para as famílias dos emigrantes. Efetivamente, os autores mencionam que a diáspora guianense representa aproximadamente 57% da população do país e que o país já perdeu cerca de 86% da população com ensino superior. Os autores, valendo-se de dados do Banco Mundial, informam que a diáspora guianesa produz um fluxo de remessas monetárias por vias formais para o país, estimado em 2013 em US\$ 328 milhões (9% do PIB nacional), colocando o país, na categoria dos 32 países do mundo em que as remessas representam 9% ou mais do seu Produto Interno Bruto (PIB); e ocupando na América Latina e Caribe (LAC), o sétimo lugar entre os países de economia mais dependente de remessas. Corbin (2012) também estimou que ao valor dessas remessas monetárias dever-se-ia agregar aproximadamente US\$40.040.000 anuais que representariam remessas não monetárias incluindo roupas, mercadorias diversas, eletrodomésticos, alimentos e outros itens, que contribuem para elevar a renda das famílias receptoras.

Porém, conforme Corbin e Aragón (2015), não existem arranjos institucionais nem políticas adequadas que permitam um melhor aproveitamento das remessas para alavancar o desenvolvimento do país e torná-lo menos dependente desse tipo de capital:

A ausência de arranjos institucionais no setor financeiro que facilitem aos receptores de remessas, o acesso a micro crédito para investimentos, e estimulem a poupança, reduz os impactos multiplicadores que as remessas poderiam ter para alavancar o desenvolvimento do país. Ao contrário, devido à baixa produtividade industrial aliada ao fato das remessas serem utilizadas principalmente para a obtenção de bens de consumo, os quais são importados, drenam, em última instância, os recursos das remessas para fora do país. Em 2011, os valores das remessas monetárias registradas no país praticamente igualaram os valores gastos com bens de consumo obtidos no país (CORBIN; ARAGÓN, 2015, p. 85).

Outro pilar da economia da Guiana está representado pela garimpagem de ouro, praticada principalmente por imigrantes brasileiros. Mas também aqui o capital é drenado para o Brasil por meio de remessas montarias e não monetárias. Este é um típico caso de remessas entre países em desenvolvimento. Efetivamente, segundo a Organização Internacional para as Migrações (IOM, 2017) em 2015, 90,2 milhões de pessoas nascidas em países do Sul residiam noutros países do Sul, fato que, certamente, gera importantes remessas entre países do Sul.

Nesse contexto, sendo as Guianas (Guiana, Suriname e Guiana Francesa), lugares de alta concentração de brasileiros envolvidos, legal ou ilegalmente, na exploração de ouro, é de esperar-se importantes fluxos de remessas para o Brasil. Corbin e Hyden (2017) reportam que segundo o Banco Mundial em 2015 foram remetidos para o Brasil aproximadamente US\$ 2.897 milhões, dos quais US\$3 milhões foram enviados da Guiana e US\$11 milhões do Suriname<sup>4</sup>. Esses valores referem-se a remessas enviadas por canais formais, mas os autores advertem que tais cifras devem ser maiores considerando os padrões de migração sazonal e de circulação que seguem os garimpeiros brasileiros, que podem facilitar remessas clandestinas e não contabilizadas, sejam elas monetárias ou não monetárias.

## VENEZUELANOS

Com a intensificação do fluxo de venezuelanos para o Brasil, via Roraima, a Amazônia brasileira tornou-se ponto de destino e passagem dos movimentos migratórios de crise que originam as migrações transnacionais de refúgio. Nas palavras de Baeninger (2018, p. 13),

a compreensão das migrações transnacionais de refúgio incorpora imigrantes com a condição jurídica de refugiado, imigrantes solicitantes de refúgio, imigrantes com refúgio humanitário, imigrantes refugiados ambientais: categorias que revelam a presença da “crise” na origem do fluxo migratório, com conotação de uma ‘migração forçada’ e que requer instrumentos jurídicos no país de destino para a solução da ‘crise’ migratória. Contudo, é preciso ampliar o entendimento das migrações internacionais atuais, onde a “crise migratória origem-destino” compõe parte de um movimento mais amplo de mobilidades transnacionais, com variadas origens, etapas, passagens e destinos provisórios ou permanentes em uma mesma trajetória imigrante.

4 Segundo Corbin e Hyden (2017), não existem dados desagregados para a Guiana Francesa e a França, mas que os dados agregados do Banco Mundial mostram que US\$ 92 milhões foram enviados da França para o Brasil em 2015. Certamente, alguns desses dólares foram enviados da Guiana Francesa.

Na realidade esse movimento transnacional de refúgio que flui pela Amazônia brasileira já era notório, mas sem as dimensões da diáspora venezuelana, com a chegada de haitianos expulsos pela crise ambiental gerada pelo terremoto que assolou o país em 2010 e de deslocados colombianos fugindo da violência gerada pela luta armada com as FARC que durou mais de cinquenta anos.

Quantificar o número de venezuelanos que entram no país, e na Amazônia, especificamente, por consequência da crise econômica e política do país, é tarefa difícil pela diversidade de fontes, diversidade de pessoas envolvidas, trajetórias seguidas e formas de acolhimento, entre outras razões (JAKOB, 2018; DEMETRIO; DOMENICONI, 2018). Contudo, segundo a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e a Organização Internacional para as Migrações (OIM), o número de migrantes e refugiados venezuelanos no mundo aumentou de cerca de 695 mil em 2015 para mais de 4 milhões até meados de 2019, destacando ainda que em sete meses desde novembro de 2016 o número de imigrantes e refugiados venezuelanos aumentou um milhão. Segundo a mesma fonte, os maiores números de venezuelanos localizam-se na Colômbia (1,3 milhão), no Peru (768 mil), no Chile (288 mil), no Brasil (168 mil), e na Argentina (130 mil)<sup>5</sup>. Essas cifras alarmantes revelam que o êxodo venezuelano é uma crise humanitária que demanda análises aprofundadas e gestão internacional.

No Brasil, o principal ponto de entrada de venezuelanos, fugindo da crise em seu país, é o estado amazônico de Roraima, especificamente a cidade fronteiriça de Pacaraima, por onde entraram em média 416 venezuelanos(as) por dia em 2018 (ALVES, 2018, p. 154). Daí, alguns retornam; outros ficam; alguns continuam sobretudo para Manaus e outras cidades amazônicas, e para outros países; e ainda outros são transferidos para outros lugares do Brasil, especialmente São Paulo, Paraná, e estados do Nordeste, ou ficam na espera de serem transferidos. Mas enquanto tudo isso acontece, a Amazônia, e principalmente Roraima, enfrentam tremendo drama, até o ponto de alguém chamar “o fluxo migratório venezuelano para o Brasil como uma questão amazônica” (ALVES, 2018, p. 152).

## AMAZÔNIA COLOMBIANA PÓS-CONFLITO BÉLICO

Segundo as últimas estimativas do Instituto Amazônico de Investigações Científicas Sinchi, da Colômbia, para 2015, a Amazônia colombiana cobre uma área de 483.163 km<sup>2</sup> e uma população de 1.363.544 habitantes que representam 42,4% da área e 2,8% da população do país (SALAZAR CARDONA; RIAÑO UMBARILA, 2016, p. 24, 69). A Amazônia colombiana faz fronteira com quatro países (Venezuela, Brasil, Peru e Equador), e o que acontece nela impacta de diversas formas não somente a Amazônia desses países como a região como um todo (ARAGÓN, 2013).

Ao longo dos últimos 50 anos a Amazônia colombiana, tem sido uma das regiões mais violentas do mundo pela guerra civil que flagelou o país, no conflito bélico mais longo da história contemporânea de América Latina. O conflito bélico deixou mais de 220 mil mortos entre cerca de 8 milhões de vitimados (SALAZAR et al, 2018; FONSECA, 2018), sendo a Amazônia colombiana domínio da guerrilha durante esses anos todos.

5 Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/06/07numero-de-refugiados-e-emigrantes-da-venezuela-ultrapass-4-milhoes-segundo-o-acnur-e-a-oim/>. Acesso em: 18 jul. 2019.



Mas o conflito cessou<sup>6</sup>, pelo menos formalmente, em novembro de 2016, com a assinatura do acordo de paz entre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e o governo colombiano. O país enfrenta agora os desafios pós-conflito. Já no fim da primeira década do século 21, um analista colombiano comentava:

Para os colombianos a longa noite escura de violência e de insegurança que temos padecido durante os últimos 40 anos está chegando ao fim, estamos de maneira certa começando a ver a luz ao fim do túnel, a virar a página deste fenômeno de violência tão arraigada na COLÔMBIA, e por isso os desafios que se apresentam no futuro, que são grandes e urgentes, não vão estar determinados de maneira significativa pelo tema da violência, que em boa medida condicionou a sorte do país nas décadas anteriores (RANGEL, 2009, p. 116).

De fato, os desafios dos próximos anos, demandam programas ousados para consolidar a pacificação do país, “sara” as feridas deixadas pela “longa noite escura de violência e insegurança” que se referia Rangel, e superar suas sequelas. Previa-se que com o fim do conflito armado surgiriam milhares de camponeses sem terra, sem emprego e sem renda e uma abundante mão de obra desempregada nas cidades, o que levaria a aumentar o crime organizado, a mendicância, e a pobreza e que seriam necessários investimentos maciços em programas de inclusão de forma produtiva dessa população à sociedade (BAGLEY, 2000; SALGADO RUIZ, 2012; ARAGÓN, 2013).

A pergunta que surge hoje é se essas previsões feitas antes da assinatura do acordo de paz se confirmaram e em que dimensão.

Tem passado pouco tempo para se ter uma visão clara dos impactos negativos e positivos dos acordos de paz e das medidas tomadas para mitigá-los (negativos) ou fortalecê-los (positivos). Contudo análises recentes permitem identificar alguns desdobramentos e seus impactos, para a Amazônia, para o país, para a Pan-Amazônia, e para o mundo. Um artigo produzido por cientistas americanos e colombianos reporta os principais impactos ambientais do acordo de paz, já visíveis no país (SALAZAR et al, 2018). “O acordo de paz é obviamente bom para o país”, declarou Daniel Ruiz Carrascal, um dos autores do artigo e pesquisador da Universidade de Columbia, Estados Unidos, alertando que “As decisões tomadas nesse momento vão certamente reverberar através da vida presente e de gerações futuras de colombianos e vão ter conseqüências ecológicas, climáticas e biogeoquímicas com impactos globais” (FONSECA, 2018, p. 1).

Estima-se que involuntariamente a guerrilha ao ocupar e controlar grandes áreas do território nacional (especialmente na Amazônia) mantendo diversas atividades econômicas afastadas, preservou cerca de 51 mil tipos diferentes de plantas e animais, que com o fim da guerrilha, e essas áreas voltando a ser ocupadas, tamanha biodiversidade poderá ser afetada negativamente (SALAZAR et al, 2018; FONSECA, 2018).

Nesse mesmo sentido uma reportagem da revista Valor Econômico, afirma que o processo de paz colombiano teve forte impacto nas florestas do país, chegando, na Amazônia colombiana, a dobrar a área desmatada em 2017 em relação a 2016. Citando dados do Ministério de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Colômbia, a matéria reporta que “As florestas ocupam mais da metade da Colômbia – 52% do território. Em 2017 foram ao chão quase

6 A rigor, o conflito ainda não acabou. Outros movimentos guerrilheiros permanecem ativos, mas também outras negociações de paz estão em andamento.

220 mil hectares de cobertura florestal, comparados aos 178,5 mil hectares de 2016. Foi um crescimento de 23%. Na Amazônia colombiana, o desmatamento foi de 70 mil hectares em 2016, mas dobrou no ano passado [2017], chegando a mais de 144 mil hectares” (CHIARETTI, 2018, p. 1). Especula-se que uma das causas do aumento do desmatamento da Amazônia seja pela liberação das áreas ocupadas antes pela guerrilha, disputadas agora pela pecuária e outras atividades econômicas.

Há sinais, também, de que os padrões migratórios no país estão mudando com a possibilidade, inclusive, do retorno de deslocados pela guerrilha para áreas rurais (SALAZAR et al, 2018). Segundo alguns autores, o movimento guerrilheiro e o processamento e comércio de cocaína estimularam a concentração da população amazônica em áreas urbanas (SALAZAR CARDONA, 2007, SALAZAR CARDONA; RIAÑO UMBARILA, 2016). Prevê-se, agora, que com o fim do conflito armado e o maior controle das atividades ilícitas os padrões migratórios e de urbanização da região se modifiquem, aumentando inclusive a migração para áreas antigamente ocupadas pela guerrilha (SALAZAR et al, 2018).

Pesquisas aprofundadas que abordem os impactos, em termos ambientais, demográficos, sociais e econômicos que o acordo de paz assinado pelas FARC e o governo colombiano em 2016, pondo fim ao conflito bélico de mais de 50 anos, gerados para a Amazônia colombiana e seus desdobramentos para o resto da região, assim como os desafios que deverão ser enfrentados na formulação e implementação de políticas de conservação e desenvolvimento da região, tornam-se urgentes. Entre os interrogantes mais prementes a serem respondidos incluem-se: 1) Em que medida aumentou o desmatamento da floresta amazônica colombiana e quanto desse aumento pode ser atribuído ao fim do conflito armado?; 2) Quais as principais consequências do aumento do desmatamento da floresta amazônica colombiana para o uso do solo?; 3) Extensas áreas da Amazônia colombiana vem sendo tituladas para exploração mineral (SALAZAR CARDONA; RIAÑO UMBARILA, 2016). Em que medida o fim do conflito armado contribui para aumentar a exploração mineral na região?; 4) Qual o impacto do fim do conflito bélico nos padrões de urbanização e de migração interna e internacional da região?; 5) Que medidas estão sendo tomadas pelo governo colombiano no sentido de conservar a floresta amazônica e induzir o desenvolvimento sustentável da região?; 6) Considerando a dimensão internacional da Amazônia que impactos pode gerar o fim do conflito armado colombiano para o resto da Amazônia e para o mundo?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cinco temas de pesquisa sugeridos neste paper são uma pequena amostra das transformações pelas quais passa a Amazônia e do importante papel que joga em assuntos de caráter nacional, regional e global. A dimensão internacional da Amazônia seja no nível regional ou global não poderá ser ignorada no aprofundamento desses temas. No caso das migrações internacionais ou, de forma mais geral, dos movimentos que fluem pela região, a sua complexidade, tipologia, diversidade de atores envolvidos (homens, mulheres, jovens, idosos, empregados, desempregados, indígenas, profissionais, operários, etc.), multiplicidade de lugares de origem, de destino e de passagem, desafiam abordagens teórico-metodológicas capazes de explicar o fenômeno e gerar insumos para resolver a crise migratória que assola o mundo e reverbera na Amazônia.

Migração de retorno, emigração e remessas, são assuntos extremamente relevantes e fortemente relacionados, quando se trata da Amazônia, como indicam os estudos preliminares mencionados. Tratá-los de forma aprofundada demanda não somente análise teórica, mas acesso a dados empíricos que raramente são disponíveis. Fontes alternativas complementares aos censos demográficos têm que ser procuradas e usadas.

A crise política, econômica e social pela qual passa a Venezuela preocupa a comunidade internacional, em especial a América do Sul. A pergunta óbvia é como lidar com a diáspora venezuelana, e como ela afeta a Amazônia, não somente a brasileira, mas a Pan-Amazônia como um todo.

Por outro lado o fim do conflito bélico na Colômbia repercutirá sim na Amazônia colombiana e na Amazônia dos demais países. A Amazônia equatoriana, por exemplo, albergava um importante número de deslocados da guerrilha colombiana, pergunta-se, haverá uma migração de retorno desse contingente e demais colombianos ao redor do mundo vítimas da violência na seu país? Com o fim da guerrilha será que a Amazônia colombiana, caracterizada como área de expulsão reverterá à situação para atrair interessados nos novos nichos econômicos disponíveis após a pacificação? São perguntas que demandam atenção.

A recente descoberta de grandes jazidas de petróleo na Guiana certamente gerará, no futuro próximo, profundas mudanças no país e impactará significativamente as relações com os demais países amazônicas, podendo, inclusive alterar os fluxos migratórios e de remessas que tanto influenciam a economia, a sociedade e a cultura do país.

Enfim, descortina-se nestes novos tempos um leque de assuntos até recentemente considerados de pouca importância na Amazônia, mas que hoje influenciam profundamente seu destino. A migração internacional está entre eles.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Isabel Pérez. O fluxo migratório venezuelano para o Brasil como uma questão amazônica. In: BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jarochinski (Coord.) *Migrações venezuelanas*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018, p. 152-157.

AMARAL FILHO, Otacílio. *Marca Amazônia: o marketing da floresta*. Curitiba: Editora CRV, 2016.

AMIN, Mario Miguel. A Amazônia na geopolítica mundial dos recursos estratégicos do Século XXI. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 107, p. 107-138, 2015.

ARAGÓN, Luis E. A dimensão internacional da Amazônia: um aporte para sua interpretação. *Revista NERA*, Presidente Prudente, n. 42, p. 15-33, 2018.

ARAGÓN, Luis E. Migrações internacionais contemporâneas na Pan-Amazônia: avanços e desafios de pesquisa. *Revista Latino-Americana de Estudos Avançados*, Foz do Iguaçu (PR), v. 2, n. 1, p. 96-116, 2017

ARAGÓN, Luis E. *Amazônia, conhecer para desenvolver e conservar: cinco temas para um debate*. São Paulo: Hucitec, 2013.

ARAGÓN, Luis E. (Org.) *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009.

ARAGÓN, Luis E.; SATEVIE, Pedro M. (Org.) *Desenvolvimento, integração e conservação da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2016.

BAGLEY, Bruce Michael. Narcotráfico, violencia política y política exterior de Estados Unidos hacia Colombia en los noventa. *Revista Colombia Internacional – Universidad de los Andes*, Bogotá, v. 49/50, p. 5-38, 2000.

BAENINGER, Rosana. Governança das migrações dirigidas de venezuelanos no Brasil. In: BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jarochinski (Coord.) *Migrações venezuelanas*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018, p. 135-138.

BARRA, Jamilly Vanessa. *Migração internacional de retorno na Amazônia brasileira*. 2015. Monografia (Graduação em geografia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

CHIARETTI, Daniela. Acordo de paz eleva desmate na Colômbia. *Valor Econômico*, 7/8/2018. Disponível em <https://www.valor.com.br/internacional/5716759/acordo-de-paz-eleva-desmate-na-colombia>. Acesso em 11.fev.2019.

CORBIN, Hisakhana. *Guyanense migration and remittances to Guyana: a case study of their potential and challenges for Guyana's economy*. 2012. Tese (Doutorado em desenvolvimento socioambiental) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

CORBIN, Hisakhana; ARAGÓN, Luis E. Imigração e garimpo, emigração e remessas: dois pilares da economia da Guiana. *Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v. 8, n. 2, p. 66-88, 2015.

CORBIN, Hisakhana P.; HYDEN, Diego Andrews. Fluxos de migrantes e remessas entre o Brasil e as Guianas (Guiana, Guiana Francesa e Suriname): o que sabemos. *Revista Latino-Americana de Estudos Avançados*, Foz do Iguaçu (PR), v. 2, n. 1, p. 135-153, 2017.

DEMETRIO, Natália Belmonte; DOMENICONI, Joice. Imigração venezuelana no Brasil: o espaço da fronteira e o espaço da metrópole. In: BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jarochinski (Coord.) *Migrações venezuelanas*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018, p. 187-200.

FERNANDES, José Augusto Lacerda. “*Eu voltei, agora pra ficar*”: um estudo sobre as estratégias empreendedoras adotadas por dekasseguis retornados no estado do Pará. 2014. Tese (Doutorado em desenvolvimento socioambiental) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

FONSECA, Vandrê. Paz ameaça biodiversidade na Colômbia. *(O)eco*, 16 setembro, 2018. Disponível em: <https://www.oeco.org.br/noticias/paz-ameaca-biodiversidade-na-colombia/> Acesso em 11.fev.2019.

GALLARDO LEÓN, Claudio; PÉREZ MOGOLLÓN, Francisco; CAICEDO, Gabriela Arellano. Migración internacional en la Amazonía, Ecuador. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.) *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009, p. 115-144.

IOM – International Organization for Migration. Global migration trends factsheet. Disponível em: <https://gmdac.iom.int/global-migration-trends-factsheet>. Acesso em: 19 jul. 2019.

JAKOB, Alberto Augusto Eichman. Os desafios na análise da imigração internacional recente no Brasil: o caso dos venezuelanos na Amazônia brasileira. In: BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jarochinski (Coord.) *Migrações venezuelanas*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018, p. 183-186.

LIMACHI HUALLPA, Luis. Procesos migratórios en la Amazonia peruana: una mirada a las migraciones internacionales. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.) *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009, p. 97- 113.

LIRA, Jonatha Rodrigo de Oliveira; QUIROGA, Daniel Esteban. Migração internacional na Amazônia brasileira no Censo Demográfico de 2010. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 19, n. 2, p. 139-158, 2016.

MELLO, Alex Fiúza de. Dilemas e desafios do desenvolvimento da Amazônia: o caso brasileiro. *Revista Critica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 107, p. 91-108, 2015.

MELLO, Alex Fiúza de. Apresentação. In: ARAGÓN, Luis E. *Amazônia, conhecer para desenvolver e conservar: cinco temas para um debate*. São Paulo: Hucitec, 2013, p. 19-20.

PNUMA/OTCA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente/Organização do Tratado de Cooperação Amazônica. *Geo Amazônia: perspectivas do meio ambiente na Amazônia*. Brasília: PNUMA/OTCA, 2008.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, número especial, p. 1- 34, jun. 2000.

RANGEL, Alfredo. Avances y retos en la Colombia de hoy. *Diplomacia, Estrategia y Política*, n. 10, p. 116-128, 2009.

SALAZAR, Alejandro et. al. The ecology of peace: preparing Colombia for new political and planetary climates. *Frontiers in ecology and the environment*, v. 16/9, p. 525-531, 2018. Disponível em: <https://esajournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/fee.1963>. Acesso em 11.fev.2019.

SALAZAR CARDONA, Carlos Ariel. La coca y la expansión de la frontera urbana en la Amazonia colombiana. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.) *População e meio ambiente na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2007, p. 217-223.

SALAZAR CARDONA, Carlos Ariel; RIAÑO UMBARILA, Elizabeth. *Perfiles urbanos en la Amazonia colombiana 2015*. Bogotá: Instituto Sinchi, 2016.

SALGADO RUIZ, Henry. Destierro y suspensión de la ciudadanía: hacia una comprensión antropológica del refugio y el desplazamiento forzado. el caso colombiano. In: SILVA, Sidney Antonio da (Org.) *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo: Hucitec, 2012, p.144-165.

SILVA, Sidney Antonio da (Org.) *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo: Hucitec, 2012.

SODRÉ, Danilo Ferreira. *Migração internacional de retorno na Amazônia brasileira, 2000-2010*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Geografia)- Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

VARGAS BONILLA, Melvy Aidee. Bolivia: la migración en los municipios de frontera del área de la Amazonía boliviana. In: ARAGÓN, Luis E.; STEAVIE, Pedro (Org.) *Desenvolvimento, integração e conservação da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2016, p. 141-153.

.